

## Editorial



Revista Compolítica

Ano 2023, v. 13, n.1

<http://compolitica.org/revista>

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2023.13.706

### **Ricardo Fabrino Mendonça**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

*[Federal University of Minas Gerais]*

### **Fernanda Cavassana**

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

*[Federal University of Paraná]*

## Editorial

Ricardo Fabrino MENDONÇA

Fernanda CAVASSANA

A primeira edição do 13º volume da Revista Compólitica está recheada de artigos que nos permitem refletir sobre fenômenos centrais da comunicação política à luz de diversas transformações contemporâneas. Para além dos diferentes usos das plataformas, são pesquisas que reforçam a riqueza de interfaces e pluralidade de abordagens inerentes à comunicação política, bem como a problemáticas – popular, governamental, eleitoral, individual, coletiva, de desinformação e até de guerra – que mobilizam as investigações em nossa área. Abordando um pouco sobre tudo isso, esse novo número conta com cinco artigos inéditos e três extras.

O primeiro artigo da edição enfrenta a clássica agenda da comunicação pública, debruçando-se sobre 759 *tweets* feitos pela Secom no primeiro semestre de 2022. De autoria de Naiza Comel e Andressa Kniess e intitulado “*Para minimizar os danos do ‘fecha-tudo’*”: a construção da imagem do governo Bolsonaro no Twitter da Secom, o texto indica grande presença de conteúdos que fortaleciam as narrativas do governo da época. A análise identifica a estruturação de um discurso que buscava evidenciar os êxitos econômicos do país, apesar da pandemia e das políticas de isolamento. “Além de não fazer recomendações ou apresentar dados sobre o coronavírus, a Secom contribuiu com uma retórica de que o isolamento social prejudicava a população e de que a vacinação era uma escolha dos cidadãos”. As autoras chamam a atenção, ainda, para a existência de postagens dedicadas a temas religiosos cristãos no *corpus* analisado.

O segundo artigo, escrito por Amanda Carnaiba, Bárbara Vieira e Sandra Rasquel, também explora Twitter e Bolsonaro, abordando especificamente a forma como populismo e desinformação se entrelaçam nas postagens do ex-presidente naquela rede social, agora nomeada “X”. As autoras analisam como “a não verdade é construída em um processo sistemático em que meias verdades somadas a falsas alegações e às interpretações desviantes de sentido geram falsas implicações e comprometem a veracidade das informações circulantes”. Aliando a desinformação ao populismo, elas assinalam o esvaziamento de premissas e sentimentos democráticos.

Na sequência, o artigo de Thiago Costa, intitulado *Apoiando a questão atual: humor depreciativo e alteridade por meio de memes da internet*, aborda os usos, significados e origens do meme “*I Support the Current Thing*”. Identificando a dimensão depreciativa do meme em diversas mobilizações, o autor aponta como o sarcasmo contribui para normalizar preconceitos, escamoteando-os sob a estrutura do chiste.

O quarto artigo da edição é *Ativismo transnacional e mobilização de atores políticos acionados pela hashtag #palestine no conflito russo-ucraniano*, escrito por Daniela Ramos e Vitória Baldin. O texto explora a divulgação de mensagens sobre a Palestina em meio à visibilidade do conflito na Ucrânia, argumentando haver uma estratégia para lidar com a lógica algorítmica, de modo a chamar a atenção para uma questão então latente. Mais que isso, todavia, as autoras indicam o modo como a cobertura midiática de um evento dá insumos para a criação satírica e contundente de questionamentos, por comparação, sobre um outro fenômeno. “Nesse cenário, a mobilização de mensagens que articulam a realidade palestina, enfatizando seu prolongamento temporal a questões da atualidade, relembram o público como sentimentos e ideologias semelhantes podem conjuntamente estruturar uma solidariedade internacional contra violências e violações de direitos humanos”.

O quinto artigo mantém em foco a comunicação de ativistas, abordando o risco de insulamento de movimentos populares, uma vez que as estratégias deles estão muito vinculadas a universos semânticos próprios. Discutindo o conceito de hegemonia popular, através de releituras de Lênin e Gramsci, Pablo Bastos advoga a necessidade de uma comunicação popular que engendre linguagem comum emancipatória, partindo do reconhecimento de situações de “comarginalidade” e, assim, ultrapassando o risco de uma “grande diversidade de ilhas contra-hegemônicas, que não ameaçam a ordem social e política hegemônica”.

A edição conta ainda com três conteúdos adicionais. O primeiro deles é uma tradução de artigo de Andrea Medrado e Adílson Cabral, que fora originalmente publicado na obra *Manufacturing Government Communication on Covid-19: A Comparative Perspective*, organizado por Philippe Maarek em 2022. O texto usa observações etnográficas e a noção de campanha permanente para comparar publicações do governo federal e do governo paulista no Facebook durante a pandemia, explicitando como apenas o segundo ressaltou questões voltadas à vacinação e sugerindo “mensagens e realidades contraditórias”.

O segundo e o terceiro conteúdos adicionais são artigos dos vencedores do Prêmio Compolítica de Teses e Dissertações de 2023, os quais foram convidados pela Revista Compolítica a publicarem parte da pesquisa premiada, convite já tradicional de nosso periódico. Murilo Brum Alison foi o vencedor do Prêmio de Dissertações e apresenta um recorte do trabalho intitulado *A construção da imagem pública nas redes sociais: um estudo do caso dos presidentes da América Latina no uso do Instagram*. O autor argumenta que “a pandemia de covid-19 não foi grande prioridade nas postagens nos perfis pessoais dos presidentes latino-americanos, sendo mais forte o uso padrão da rede, principalmente para o gerenciamento da própria imagem ou divulgação de suas realizações”.

Joscimar Souza Silva foi, por sua vez, o vencedor do Prêmio de Teses. Encerrando a edição, o artigo *Os mandatos da antipolítica: líderes políticos digitais e a representação política na América Latina* analisa a comunicação digital de Kim Kataguiri, Joyce Hasselmann e Samuel Garcia, constatando a força do discurso antissistema e do personalismo nas estratégias dessas lideranças.

Boa leitura!

### *Sobre o(a) autor(a)*

Ricardo Fabrino Mendonça é doutor em Comunicação Social (UFMG), professor associado do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e editor-chefe da Revista Compolítica.

Fernanda Cavassana é doutora em Ciência Política (UFPR), professora substituta do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e editora-chefe da Revista Compolítica.

E-mail: [revista@compolitica.org](mailto:revista@compolitica.org)